

A crise do movimento comunista.

Fernando Claudín

Tradutor: José Paulo Netto.

Editora Expressão Popular.

[Revista Crítica Marxista]

"Este é um livro importante", escrevia Semprún ao prefaciar *A crise do movimento comunista*. Ele se equivocou: é um livro fundamental. Permanece, mais de 40 anos depois, o melhor instrumento para os revolucionários conhecerem parte fundamental de nossa história, aquela da incrível sequência de revoluções da primeira metade do século 20. Iniciado em 1905 com a primeira Revolução na Rússia, o ciclo de revoluções se prolongou por mais de 4 décadas e seus ecos se fizeram sentir mesmo na derrota dos EUA para o Vietnam. Nada há de similar na história. Contudo, todas as revoluções foram derrotadas.

Claudín toma as contradições e idiosincrasias na dissolução da III Internacional em 1943 como ponto de partida de sua investigação da causa das derrotas de *todas* as revoluções por cinquenta anos após 1917. Traça um quadro monumental de todas as revoluções, crises políticas e embates dos trabalhadores em que a Internacional Comunista se fez presente. A análise dirige a atenção do leitor para os mais graves problemas e desafios daquele ciclo de revoluções, muitos dos quais continuam a nos atormentar. Desde a relação entre a organização dos revolucionários e o movimento das massas até os problemas mais graves acerca do capitalismo contemporâneo, suas crises, suas perspectivas e suas potencialidades para conter as revoluções nos marcos aceitáveis ao capital; desde as lutas e disputas internas que marcaram a vida da IC e dos PCs a ela associados, até as consequências teóricas e práticas da emergência das revoluções de base camponesa, de libertação nacional, depois de 1917. Desde a "paralisia teórica" que se instalou nos anos de 1920 até traição da Revolução Espanhola pela socialdemocracia e pelo stalinismo.

Esta obra, vale assinalar, já fez alguma história entre nós. Trazida ao Brasil logo após o lançamento de sua versão espanhola, tanto quanto eu saiba, pelo falecido dirigente do PC do B, Diógenes Arruda, sua reprodução em xerox possibilitou, nos anos de 1980, que não poucos jovens revolucionários nela encontrassem as informações imprescindíveis para uma análise crítica de suas próprias práticas e concepções. Também por isso, a sua primeira edição se tornou raridade bibliográfica. A Expressão Popular possui, com a iniciativa, um duplo mérito. Disponibiliza um texto fundamental para que os revolucionários compreendam a si próprios como herdeiros de uma longa tradição e, ainda, possibilita o contato dos mais jovens com um texto que teve sua importância na evolução da esquerda brasileira.

Isto posto, há também que se assinalar como o texto de Claudín é devedor do momento em que foi redigido. Antes que se instaurasse a crise estrutural do capital, em meados da década de 1970, o centro das explicações de uma sequência tão impressionante de derrotas revolucionárias era ocupado, sempre, pelos erros cometidos *pelos outros* (dependendo da corrente política, pelos leninistas, ou pelos trotsquistas, ou pelos maoístas, ou pelos albaneses, ou pelos stalinistas, ou pelos anarquistas, ou pelos autonomistas e assim sucessivamente). Em todas as revoluções erros são cometidos e logo evidenciam todas as suas mazelas. O fato de que todas as revoluções, sem exceção, foram derrotadas já era um indício, contudo, de que algo a mais do que os erros particulares desta ou daquela corrente ou concepção revolucionária estava em ação. Tratava-se de uma tendência histórica de fundo. Em poucas palavras, a impossibilidade de se iniciar a transição ao comunismo na primeira metade do século 20 era tão insuperável quanto a própria eclosão das revoluções. O Imperialismo gerava contradições que colocava as revoluções na ordem do dia. O sistema do capital, contudo, ainda possibilitava o desenvolvimento das forças produtivas em escala nacional, local, de países atrasados que rompessem revolucionariamente com os

constrangimentos de suas arcaicas relações de produção. A alternativa termodoriana era, ainda, uma possibilidade inscrita no real. Com a colaboração do stalinismo e da social-democracia, Claudin o demonstra de modo cabal, as revoluções foram contidas nas fronteiras nacionais – mas o stalinismo e a social-democracia apenas puderam cumprir a tarefa de cozeiros das revoluções porque a ausência da crise estrutural do capital ainda possibilitava que ideologias armadas de aparatos políticos e repressivos como o stalinismo e a social-democracia jogassem tal papel. Uma vez contidas nas fronteiras nacionais, as revoluções, mais rápido do que lento, encontraram suas vias peculiares de exploração dos trabalhadores e as forças produtivas assim desenvolvidas amorteceram a pulsão revolucionária, integrando os países no concerto das nações pela via do mercado. Da Rússia bolchevique à União Soviética, desta à Rússia atual; da China vermelha à China atual; do Vietnã indomável ao Vietnã atual: *Monsieur le Capital* se tornou a conexão universal entre todos os países. É este segundo aspecto da questão (a impossibilidade objetiva da transição ao comunismo que é o socialismo) que estava fora do alcance de Claudin.

*A crise do movimento comunista* é, por essa razão, atravessada por uma tensão que não consegue resolver. Por um lado, a sua crítica da III Internacional se apoia na hipótese de que, não fossem os equívocos políticos, poder-se-ia ter aberto a transição ao comunismo. A qualidade da sua investigação, por outro lado, demonstra como, a cada momento decisivo de todas as revoluções, a alternativa nacional, burocratizante e castradora das potências revolucionárias, era a única viável. No longo prazo, tais alternativas significam a inviabilização da transição ao socialismo; no imediato, eram a única possibilidade de sobrevivência do poder revolucionário. Claudin não consegue resolver essa tensão que perpassa todo o seu texto: o stalinismo era a única alternativa de sobrevivência do poder revolucionário e, todavia, era também a mediação para a derrocada da revolução no médio prazo.

Com tal carência de fundo, a conclusão de Claudin não poderia ser outra: os problemas se localizariam na esfera político-ideológica. A sua crítica ao leninismo e ao stalinismo, pertinente em não poucos aspectos, não pode, então, assumir toda a radicalidade imprescindível. Tanto um como outro apenas podem ser compreendidos a partir do solo social que é a sua origem: a impossibilidade das revoluções (que só podiam se apresentar como socialistas) romperem com o fundante do capital: o trabalho proletário. Desarticulada de seu solo concreto, reduzida à esfera da política, a superação dos equívocos do movimento comunista apenas poderiam se dar pela limitada esfera da política: essa ilusão conduz Claudin à direita, terminando na socialdemocracia. Hoje, graças principalmente a István Mészáros, podemos aproveitar o que de melhor possui *A crise do movimento comunista* sem nos enredarmos nesta sua limitação de fundo.

A segunda edição desta obra, pela Expressão Popular, possui ao menos dois importantes melhoramentos se comparada à anterior: faz o esforço de identificar as obras e documentos citados por Claudin publicados em português (o que também ressalta o como fizemos pouco editorialmente na área da história do movimento revolucionário). E traz uma excepcional apresentação de José Paulo Netto. Não apenas pela qualidade e quantidade de informações, mas também pelo reconhecimento da importância da obra para os comunistas: "este livro presta um inestimável serviço à causa comunista". José Paulo não poderia estar mais correto.